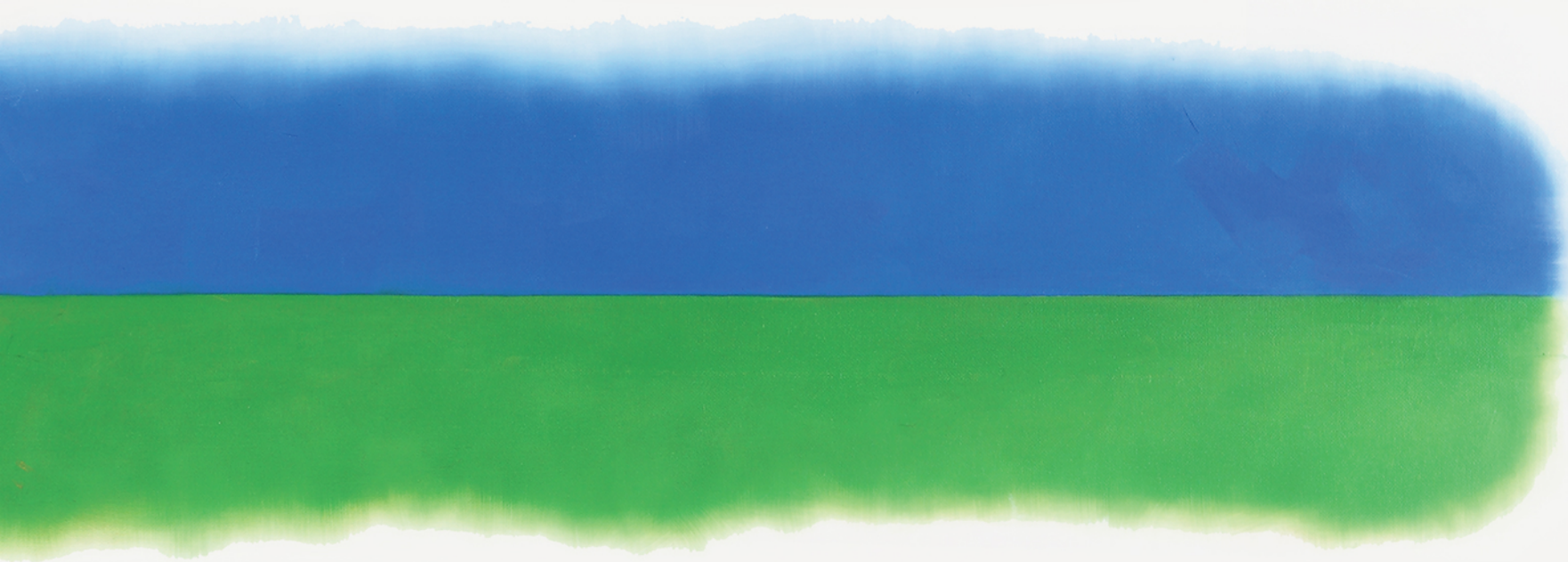


Jorge Martins
INTERFERÊNCIAS





Jorge Martins

INTERFERÊNCIAS

com Arpad Szenes e Maria Helena Vieira da Silva

textos

Marina Bairrão Ruivo

José Gil

Vicente Jorge Silva

Joana Baião

DOCUMENTA

sumário | *contents*

Interferências, MARINA BAIRRÃO RUIVO	7
Obras da Colecção da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva <i>Plates from the Arpad Szenes – Vieira da Silva Foundation Collection</i>	11
O plano musical, JOSÉ GIL	29
Entre o fundo do mar e as estrelas, VICENTE JORGE SILVA	33
Jorge Martins em contexto, JOANA BAIÃO	35
Jorge Martins, obras <i>plates</i>	49
Jorge Martins, biografia <i>biography</i>	157
traduções <i>translations</i>	
<i>Interferences</i> , MARINA BAIRRÃO RUIVO	163
<i>The musical plane</i> , JOSÉ GIL	167
<i>Between the sea bottom and the stars</i> , VICENTE JORGE SILVA	171
<i>Jorge Martins in context</i> , JOANA BAIÃO	173

Interferências

MARINA BAIRRÃO RUIVO

Há cerca de um ano a Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva acolheu com entusiasmo a proposta de Maria da Graça Carmona e Costa: realizar uma exposição de Jorge Martins no museu dos artistas que com ele tiveram uma relação afectiva. Se por um lado a generosa parceria com a Fundação Carmona e Costa permitia levar avante este projecto, fazia igualmente todo o sentido mostrar na casa de Vieira e de Arpad a obra do pintor Jorge Martins, agora com uma relevância maior do que as exposições anteriores do artista, que tinha já participado em exposições no museu em 2003 (exposição individual), em 2011 e em 2012.

Foi atribuído a Jorge Martins em 2003 o Prémio Celpa / Vieira da Silva Artes Plásticas Consagração¹, instituído em 2000 para destacar anualmente a personalidade que melhor projectava o nome de Portugal nas Artes Plásticas (foram distinguidos Júlio Pomar em 2000, Paula Rego em 2001 e Fernando Lanhas em 2002). Em 2011, uma exposição de retratos de mulheres reuniu fotografias de três artistas – Man Ray, Jorge Martins e Julião Sarmento² –, em diálogo de diferentes registos. De Jorge Martins foram apresentados registos íntimos de modelo feminino, feitos entre 1964 e 1973, em Paris, a que o artista chamou *Eros cromático*. Algumas das fotografias mostradas foram realizadas no atelier de Vieira da Silva, na rue de l'Abbé Carton. Em 2012 a FASVS organizou a exposição *Amigos de Paris*, onde foram reunidas obras de quatro artistas portugueses que viveram em Paris e que tiveram uma ligação especial a Arpad Szenes e Vieira da Silva, pela amizade e pela orientação artística: Lourdes Castro, René Bertholo, Jorge Martins e José Escada³.

A obra de Jorge Martins tem um papel de relevo na arte portuguesa contemporânea e a sua produção é imensa. Ao visitar o seu atelier, lembrando algumas obras e descobrindo outras, e revendo os inúmeros catálogos das suas exposições, um desenho impôs-se pelo sugestivo título, *Interferências*⁴. Estava encontrado o título desta exposição, pelas várias interferências e cumplicidades envolvidas.

A amizade está na génese desta exposição, a começar pela que une Jorge Martins a Maria Helena Vieira da Silva e a Arpad Szenes, com quem o jovem pintor, exilado em Paris desde 1961, convive

1 Exposição *Jorge Martins Prémio CELPA / VIEIRA DA SILVA Artes Plásticas Consagração 2003*, 18 de Junho a 20 de Julho de 2003.

2 Exposição *Man Ray, Jorge Martins e Julião Sarmento: retratos de mulheres*, 27 de Janeiro a 30 de Abril de 2011.

3 Exposição *Amigos de Paris. Lourdes Castro, René Bertholo, José Escada, Jorge Martins*, 26 de Janeiro a 15 de Abril de 2012.

4 *Interferências*, 2007, grafite sobre papel, 120 x 160 cm, colecção do artista.

desde essa data. Do grupo de artistas que foi viver para Paris, por razões políticas ou artísticas (nomeadamente pela atribuição de bolsas da Fundação Calouste Gulbenkian), Jorge Martins foi o que lá permaneceu mais tempo, entre 1961 e 1974 e entre 1976 e 1991.

Arpad Szenes (em 1925) e Vieira da Silva (em 1928) optaram por sair dos países de origem para viver em Paris, motivados pelas necessidades de uma pintura cada vez mais exigente e pelo estímulo cultural e intelectual da cidade para onde voltaram depois de um exílio de sete anos no Brasil (1940-1947). É durante os anos de 1950 que a pintura dos dois artistas atinge a maturidade e uma notoriedade em França e no estrangeiro; em Portugal a modernidade, sobretudo de Vieira da Silva, encontrava resistência e incompreensão. O clima cultural na década que ficou conhecida pelos «anos de chumbo»⁵, é marcado pelo isolamento, pela censura e pela estética modernista própria do regime e da sua ideologia repressiva, pela ausência de possibilidades no ensino, no mercado e nas instituições. O desejo de renovação cultural e artística ou a recusa em participar na guerra colonial (1961-1974) levaram uma geração de jovens artistas a partir, uns por opção e motivação expressiva, outros por motivações políticas e existenciais. O êxodo convergia sobretudo para Paris onde as figuras tutelares de Maria Helena Vieira da Silva e Arpad Szenes, «expoente máximo do sucesso que o exílio cultural e artístico parisiense proporcionava»⁶, os recebem e acompanham.

O casal manteve sempre um contacto com artistas e intelectuais portugueses nas visitas a Lisboa ou em Paris, onde eram frequentemente solicitados. A sua generosidade era conhecida, em especial para com os jovens artistas portugueses que chegavam a Paris com poucos recursos. Interessavam-se pelas suas experiências pictóricas, providenciavam discretamente para que não lhes faltassem materiais, visitavam os seus ateliers e convidavam-nos regularmente para sua casa, oferecendo um desenho ou um guache para poderem vender quando a necessidade era mais premente. Por seu lado, também os jovens artistas ofereciam obras suas ao casal, núcleo que hoje integra o espólio da FASVS. O apoio providencial de Vieira e Arpad não era isento de sentido crítico e de um apurado, e respeitado, julgamento estético.

Do grupo de jovens pintores que passaram por Paris, Jorge Martins foi dos mais próximos do casal, mantendo com eles uma relação de amizade generosa e quase filial, trabalhando largas temporadas nos ateliers dos artistas, em Paris e em Yèvre-le-Châtel.

Da sua pintura, Arpad referiu: «J'aime beaucoup sa lente évolution, le lent cheminement de son esprit. Voici un garçon dont le travail ne fait pas penser seulement au talent, mais aussi à une vision intelligente et réfléchie»⁷ e Vieira observou: «Jorge Martins tem a vocação e o talento, coisas que não

5 Fernando Rosas – *O Estado Novo (1926-1974)*, 7.º volume da *História de Portugal*, direcção de José Mattoso. Lisboa: Círculo de Leitores, 1994, citado em nota por Manuel Villaverde Cabral – «Paris, Portugal: dos anos de 1950 aos anos de 1970». In *KWY Paris 1958-1968*. Lisboa: CCB: Assírio & Alvim, 2001, p. 54.

6 Ana Filipa Candeias – «A revista KWY». In *KWY Paris 1958-1968*. Lisboa: CCB: Assírio & Alvim, 2001, p. 89.

7 Carta de Arpad Szenes a Artur Nobre de Gusmão, director do Serviço de Belas-Artes da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao artista Jorge Martins, 4 de Março de 1963. Arquivo FCG, SBA 01/01-0136876. Note-se que o pedido de bolsa de Jorge Martins não foi aprovado pela FCG.

andam sempre juntas. Vi a sua obra há pouco tempo. Meu marido e eu ficámos impressionados com a força, a beleza, a cultura e o trabalho que ela revela.»⁸

Em Dezembro de 1969, durante uma entrevista para o jornal *Diário Popular*, Maria Helena Vieira da Silva chamou a atenção da jornalista para uma das pessoas que, na sua casa em Paris, assistia à conversa, recomendando: «Fale dele em Lisboa. É um pintor jovem mas que fará longa carreira.»⁹ O jovem pintor era Jorge Martins.

A amizade interfere também na contribuição dos autores dos textos, Vicente Jorge Silva e José Gil, amigos do artista com quem partilham uma afinidade electiva com as suas pinturas e os seus desenhos, e Joana Baião (IHA, FCSH, Universidade Nova de Lisboa) que colabora regularmente com a FASVS e que connosco partilha o interesse e entusiasmo pela obra dos três artistas envolvidos.

Esta exposição não teria sido possível sem a amizade e cumplicidade que nos une a Maria da Graça Carmona e Costa, que integra o Conselho de Patronos da FASVS e apoia os artistas desde sempre com contagiante entusiasmo.

8 Carta de Vieira da Silva à Direcção da Fundação Calouste Gulbenkian, referente ao processo do artista Jorge Martins, 31 de Março de 1965. Arquivo FCG, SBA 01420.

9 Entrevista a Vieira da Silva por Nuno Rocha, in *Diário Popular* (5-12-1969), p. 35.

obras da colecção da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva |
plates from the Arpad Szenes – Vieira da Silva Foundation collection

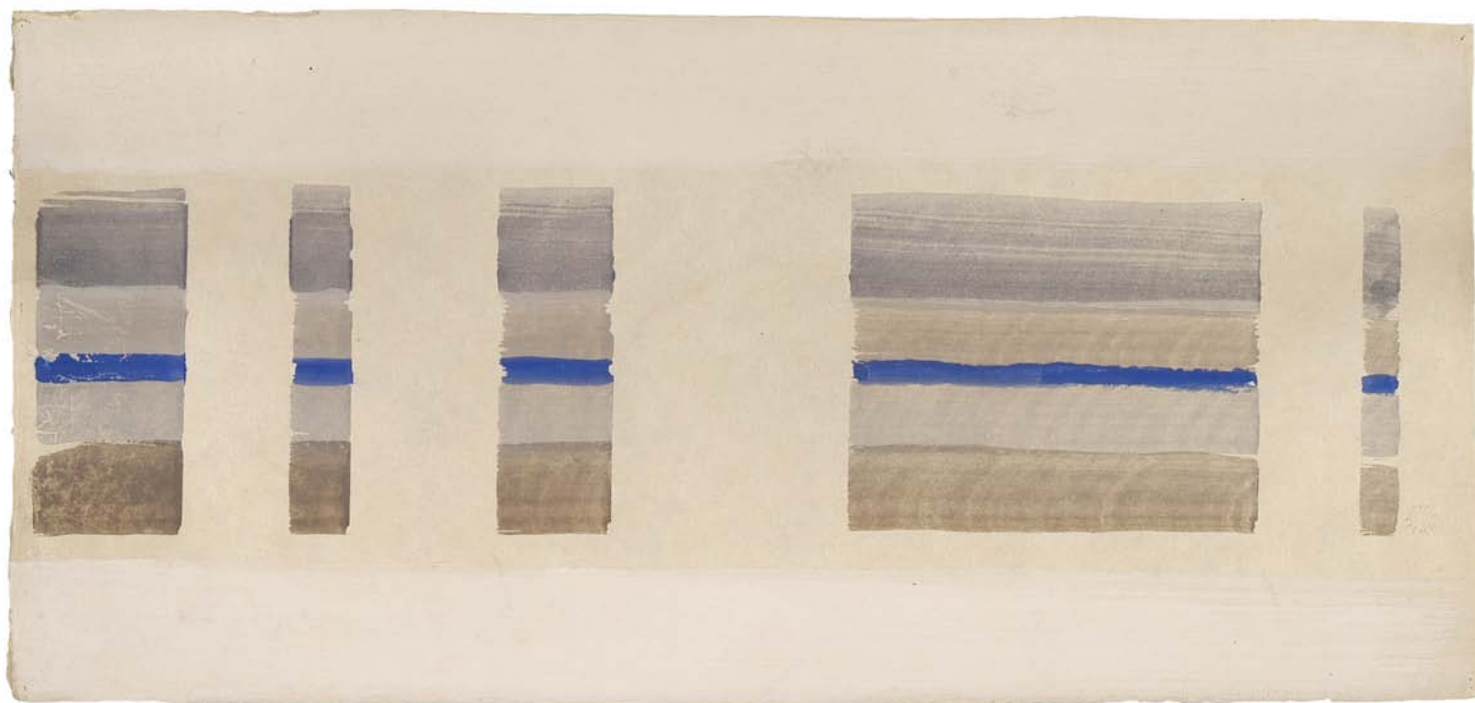
















O plano musical

JOSÉ GIL

Esta exposição marca uma transformação decisiva no trabalho de Jorge Martins. Transformação que foi amadurecendo ao longo dos anos e a que ele pareceu chegar muitas vezes, retrocedendo, desviando-se, experimentando novas linguagens, avançando depois. Tudo se joga à volta da linha e da cor. Não é por acaso que dos anos 50 e 60 do século passado se vão buscar desenhos em que a linha se enovia ou que se misturam superfícies coloridas com traçados geométricos a tinta-da-china, combinando duas técnicas e duas estéticas diferentes. Misturam-se para que efeito? Para desfazer o contorno, para esboroar a linha e os limites do desenho e da pintura, sem que cada disciplina perca a sua autonomia.

Não se trata do efeito local de uma mudança puramente técnica. Prepara-se assim uma real subversão do universo do artista. As obras agora apresentadas retraçam o caminho percorrido, mostrando sempre como, em tantas fases e «períodos» diversos, a procura de um procedimento mais geral e consistente de dissolução da linha se foi precisando (dos *World Trade Center by Light*, de 1975/76, em que a concentração de luz dissolve as arestas das torres gémeas, à *Fuga* de 2013). Vemos aqui como o trabalho de libertação da cor e do limite resultou plenamente, isto é, se conquistou a si próprio. Libertação que envolve o artista todo: nunca como agora Jorge Martins manifestou um tão grande domínio da sua arte, dos múltiplos estilos que experimentou ao longo dos anos, do jogo livre com que inventa novas vibrações e intensidades.

A dissolução da linha não significa o seu apagamento. Na verdade, é mesmo o contrário que acontece: ao erodir-se, multiplica-se, enovela-se, prolifera caoticamente. Do caos nascem mundos. Duas obras dizem-no, emblemática e literalmente, o desenho que glosa o *Quadrado negro sobre branco* de Malévitch (*Malévitch desfocado*, 1976), e o quadro *Still Time* de 2009. Muitos outros trabalhos repetem aquele «acontecimento». Ao abolir os contornos geométricos do Quadrado Negro, Jorge Martins substitui-os por uma névoa de grãos que parece sair do fundo homogéneo: ao modo de Malévitch, que do nada que representava o transformou na unidade discreta da nova linguagem suprematista, aqui o quadrado central torna-se o foco obscuro indefinido de onde nascem fios, formas e movimento ou engole tudo isso como um buraco negro. *Acreções* e *Mehr Licht* mostram esse movimento recíproco de nascimento/absorção que ritmam tantas imagens do artista.

De *Still Time*, dir-se-á apenas que de um fundo fora da tela, *hors champ*, sai um fumo que se multiplica e enovela num sem-número de lentos meandros brancos prestes a imobilizar-se. Como uma

Entre o fundo do mar e as estrelas

(memória de uma cumplicidade insular)

VICENTE JORGE SILVA

Sou amigo de Jorge Martins há mais de quarenta anos, mas essa amizade tem um segredo raro (e, para mim, único). Mais do que pelos gestos, pelas palavras, pelas conversas que temos com frequência e prazer, o que mais me aproxima dele é a afinidade electiva que sinto com as suas pinturas e os seus desenhos. Esse segredo é simples: não há nenhum artista de que seja amigo – escritor, cineasta, músico, fotógrafo, pintor... – com quem partilhe uma cumplicidade tão intensa com o seu mundo interior, aqui transposto para a tela ou o papel.

Jorge é um tímido que não se exprime facilmente pela comunicação oral sobre si mesmo ou a sua obra, mas essa timidez não afecta em nada a nossa cumplicidade. Pelo contrário. Diria mesmo: essa involuntária distância, que aparentemente nos separa na relação do dia a dia, acaba por ser misteriosamente contrariada e sublimada pela intensidade da minha relação com a sua trajectória artística que persigo há longo tempo.

Jorge é, para mim, sobretudo o que vejo nesses desenhos e pinturas, onde encontro tudo aquilo que não seria capaz de projectar por mim mesmo (não sou pintor e o meio de expressão mais próximo das minhas veleidades criativas é o cinema), mas que corresponde, no fundo, ao lado mais secreto do meu imaginário, como se, através das visões de Jorge, eu enfrentasse a revelação do mistério das minhas próprias visões e dos meus sonhos.

Dito isto, há porventura uma explicação para a nossa cumplicidade em trânsito através das suas telas e desenhos. Nascido numa ilha, sou profundamente marcado pela insularidade. E Jorge não esquece a marca que as ilhas lhe deixaram desde os 18 anos, quando fez a sua primeira viagem marítima à Madeira e aos Açores. Jorge tem uma genuína paixão pelas ilhas e pelos segredos do mar, sobretudo dos seus abismos fantasmagóricos, paixão que o transporta noutras viagens a horizontes mais imponderáveis, um percurso cósmico em direcção às estrelas.

Um dos aspectos que, aliás, mais me impressiona na sua obra é a conjugação da continuidade das suas visões e obsessões com a diversidade dos planos, géneros e técnicas que utiliza. Jorge atravessa os períodos da sua vida mantendo uma fidelidade essencial às origens e uma curiosidade insaciável, uma generosa disponibilidade para ensaiar caminhos novos mas que se entrecruzam com os antigos, ao ponto de as épocas se confundirem numa linha de coerência desconcertante. De 1958, ano em que expôs pela primeira vez (no 1.º Salão de Arte Moderna da Casa da Imprensa, abrangendo um colec-

Jorge Martins em contexto

Interferências no percurso de um pintor plural

JOANA BAIÃO

Desde o início da sua já longa carreira que Jorge Martins – ou sendo mais exacta, a sua obra – tem sido alvo da atenção de críticos de arte, historiadores, escritores, filósofos e poetas que, com notável poder de observação e sentido crítico, têm sabido *ver* e traduzir para palavras as várias questões teóricas e estéticas enunciadas por tão inconfundível e profícua produção pictórica. O texto que aqui apresento segue outra orientação, que julgo igualmente importante na análise do trabalho deste artista; refiro-me à evocação contextual do seu percurso, ao longo do qual Martins foi – tem sido – «vários pintores»¹, assumindo uma personalidade artística heteronímica que se reflecte numa obra muito variada na qual, como já observou Raquel Henriques da Silva, podem ser identificadas «fases, hipóteses retomadas que não criam sistema e, algumas vezes, acolhem sinais contraditórios»².

Tendo como ponto de partida uma exposição que reúne um conjunto de trabalhos que cobre praticamente todo o período de produção de Jorge Martins – da década de 1950 aos anos 10 do século XXI –, proponho então recordar alguns dos contextos em que estas obras foram produzidas, destacando os anos de formação e consolidação de uma carreira marcada pelas *interferências* dos diferentes lugares por onde andou um pintor plural que foi exilado e emigrante durante longo e importante período da sua vida.

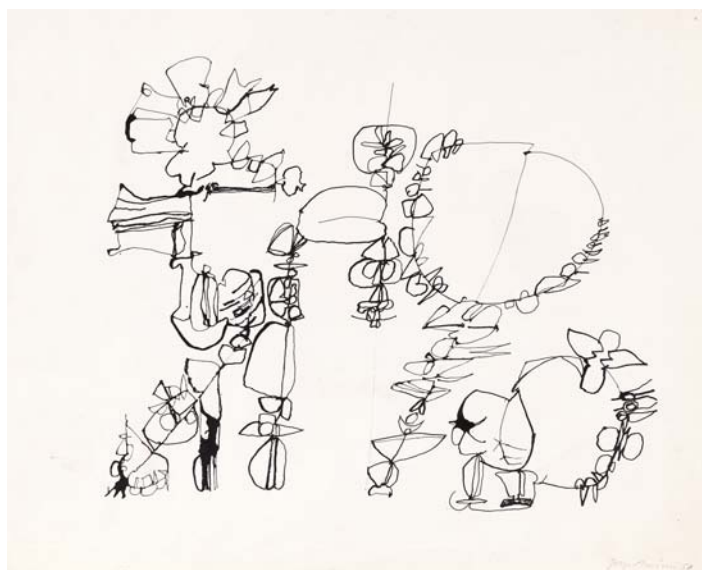
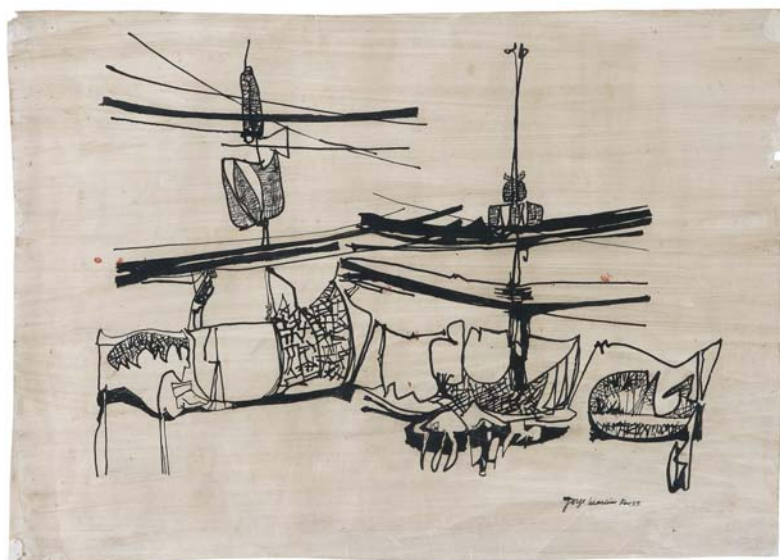
Interferências I. Em Portugal, final da década de 1950

Nascido em 1940, Jorge Martins inscreveu-se no curso de Arquitectura da Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa em 1958, mudando para Pintura um ano depois, opção que terá sido consequência natural de um gosto precoce pelo desenho e pela pintura:

- 1 «Eu fui vários pintores. [...] Fui um pintor preocupado com problemas de forma, luz, cor. Fui um pintor preocupado com a figura humana e mesmo com situações teatrais e barrocas». Jorge Martins [entrevista] in Rodrigues da Silva, «Jorge Martins. Do rigor à síntese», *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Lisboa, 23 de Novembro de 1993), p. 24.
- 2 Raquel Henriques da Silva, «Jorge Martins. Formas, Figuras e Simulacros» in *Jorge Martins. Simulacros / Uma Antologia* (Lisboa: Fundação Centro Cultural de Belém / Civilização Editora, 2006), p. 27.

Jorge Martins

obras | *plates*



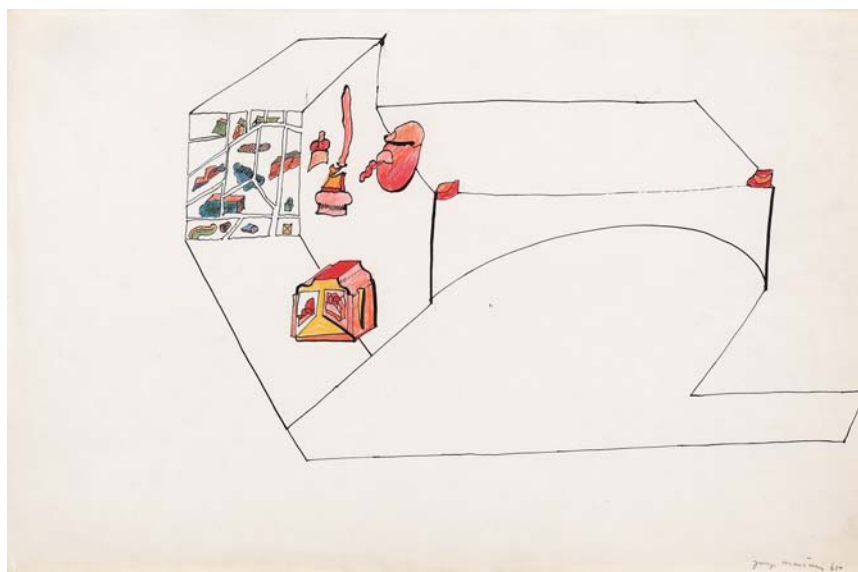
Old Navy, 1958, tinta-da-china sobre papel, 25 × 40 cm
Sem título, 1958, tinta-da-china sobre papel, 30 × 37 cm



Arena, 1958, tinta-da-china sobre papel, 40 × 50 cm
Planeta, 1965, tinta-da-china sobre papel, 33 × 50 cm







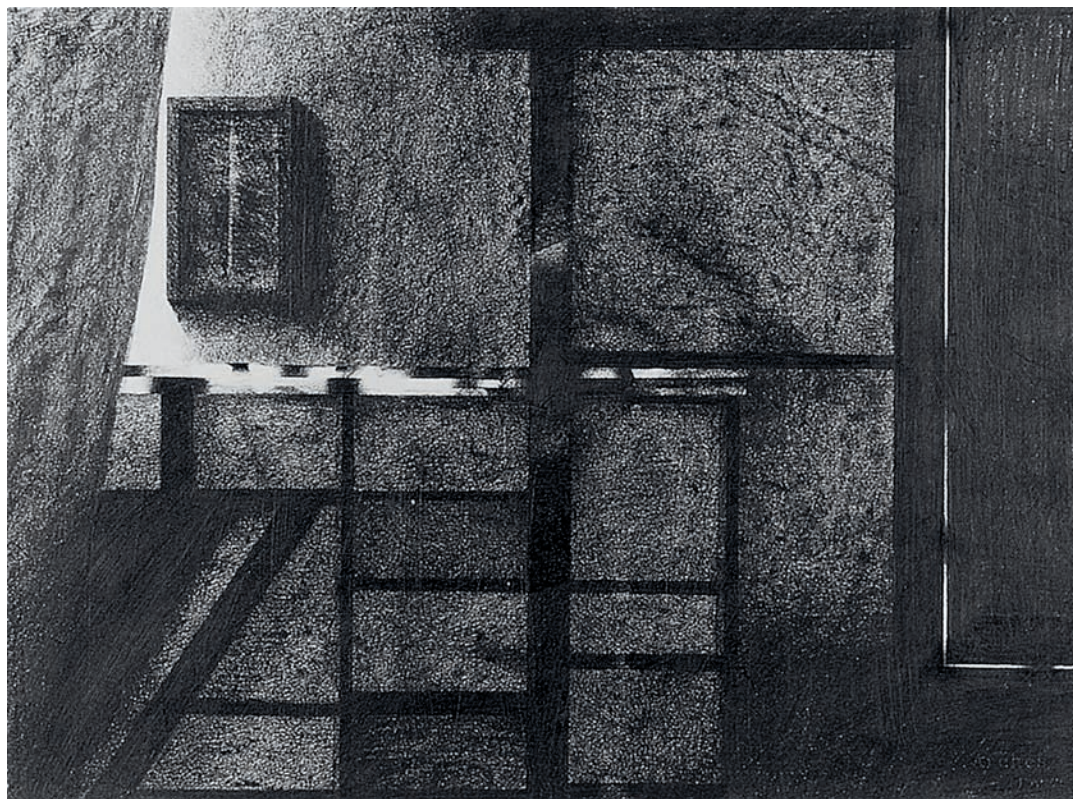




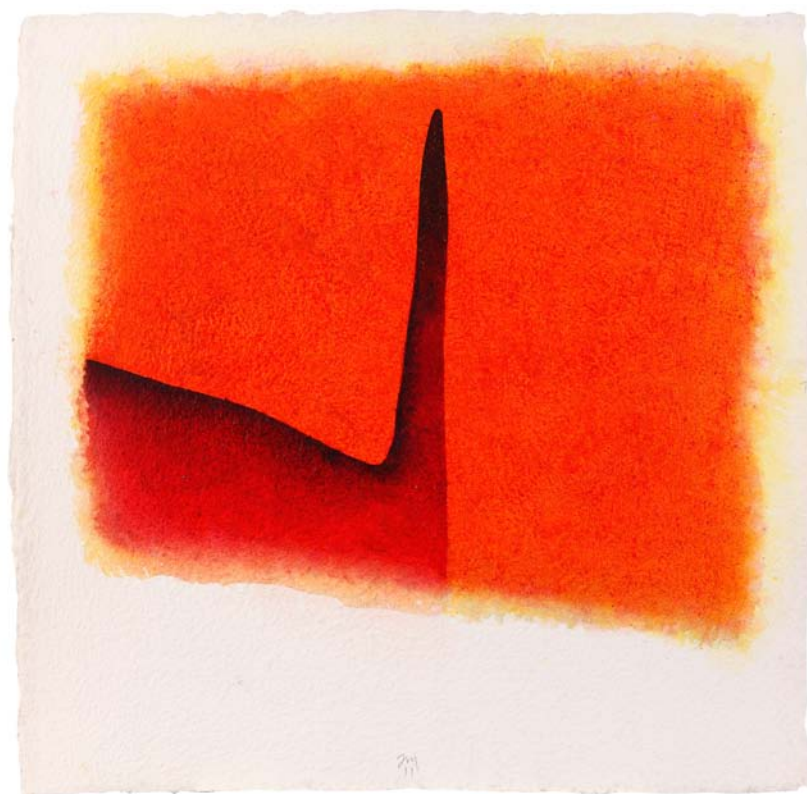




Meteoros, 1976, tinta-da-china sobre papel, 110 × 75 cm



Interior holandês, 1976, grafite sobre papel, 56 x 76 cm. Coleção da Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva
«Yes, yes!», 1974, grafite sobre papel, 57 x 76 cm



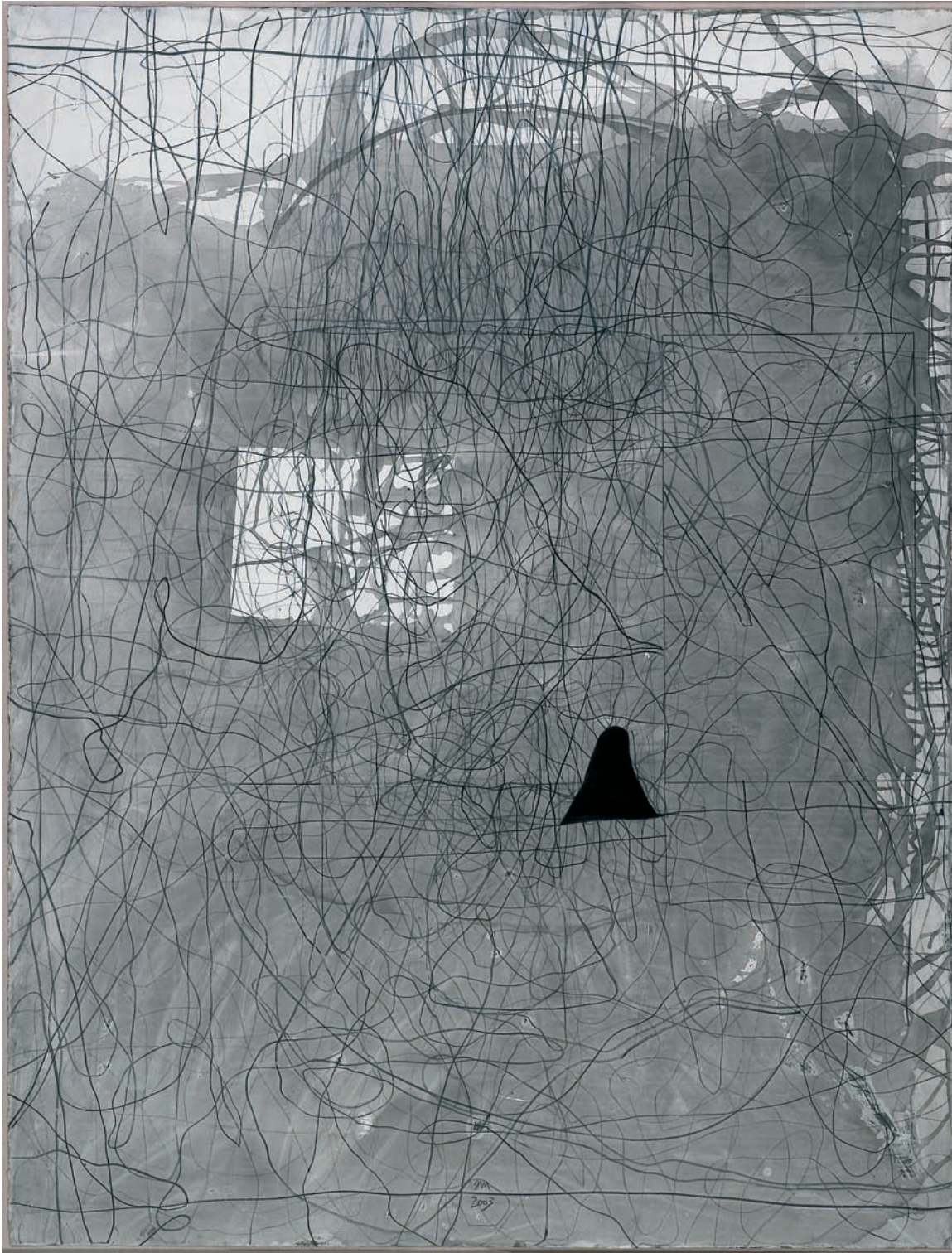










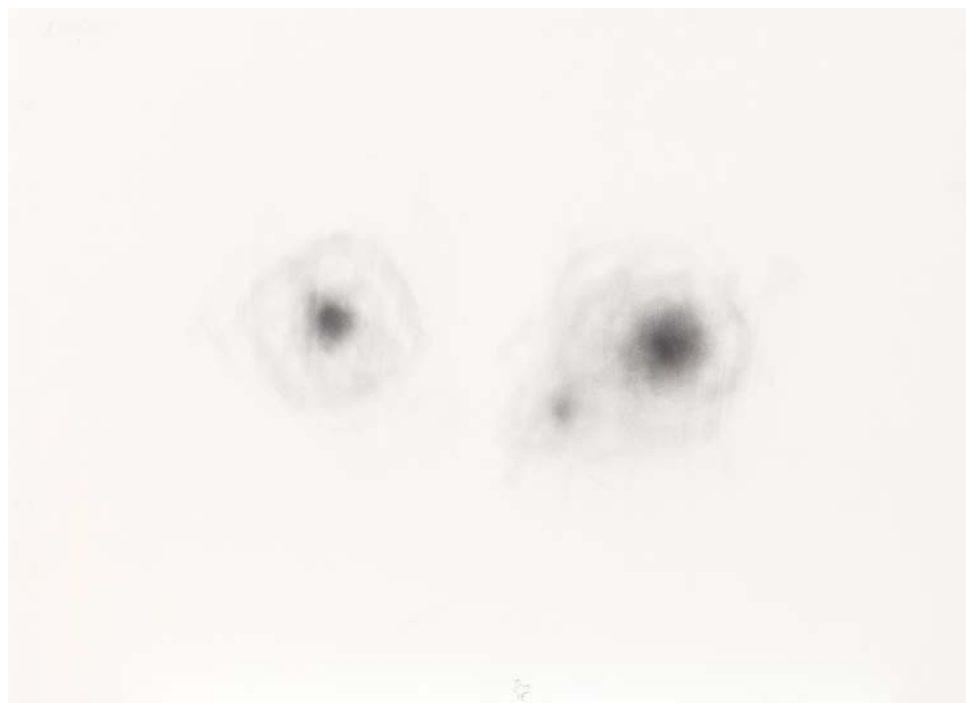


O indiscernível, 2003, tinta-da-china e grafite sobre papel, 160 × 120 cm



Still Time, 2009, óleo sobre tela, 200 × 200 cm





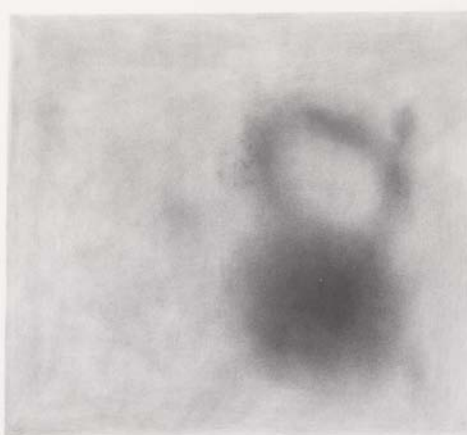
Sem título, 2016, grafite sobre papel, 56 × 76 cm
Sem título, 2015, grafite sobre papel, 75 × 100 cm

T.S.E.
 THE LOVE SONG OF O. ALFRED PRUFROCK
 GIÙ CRADENTI MA RESPIRATA ROSSE
 A PERSONA CHE HA TORNASSE AL MONDO
 QUESTA DIAMMA STANA SENZA PIÙ SIOSSIE.
 MA PER QU CHE DIAMMAI DI QUESTO FONDO
 NON TORNO NUN ALCUN, S'IDDO IL VERO
 SENZA TEMA D'INFAMIA TI RISPONDO!

IN THE ROOM THE WOMEN COME AND
 GO / TALKING OF MICHELANGELO /
 THE YELLOW TOR THAT RUBS ITS BACK
 UPON THE WINDOW PANES / THE YELLOW
 SHOE THAT RUBS ITS HAZEL ON THE
 WINDOW PANES / LIKED ITS TONGUE INTO
 THE CORNERS OF THE EVENING / LINGERED
 UPON THE TOOLS THAT STAND IN DRAINS /
 LET FALL UPON ITS BACK THE SOOT THAT
 FALLS FROM CHIMNEYS / SLIPPED BY THE
 TERRACE / MADE A SUDDEN LEAP / AND
 SEEING THAT IT WAS A SOFT OCTOBER
 NIGHT / CURLED ONCE ABOUT THE HOUSE
 AND FELL ASLEEP /
 AND INDEED THERE WILL BE THE TIME /
 FOR THE YELLOW SHOE THAT SIDES
 ALONG THE STREET / RUBBING ITS BACK
 UPON THE WINDOW PANES / THERE WILL
 BE TIME / THERE WILL BE TIME / TO
 PREPARE A FACE TO MEET THE FACES
 THAT YOU MEET / THERE WILL BE TIME
 TO MURDER AND CREATE / AND TIME
 FOR ALL THE WORKS AND DAYS OF
 HANDS / THAT LIFT AND DROP A QUESTION
 ON YOUR PLATE / TIME FOR YOU AND TIME
 FOR ME / AND TIME YET FOR A HUNDRED
 DECISIONS / BEFORE THE TAKING OF A
 TRAST AND TEA /

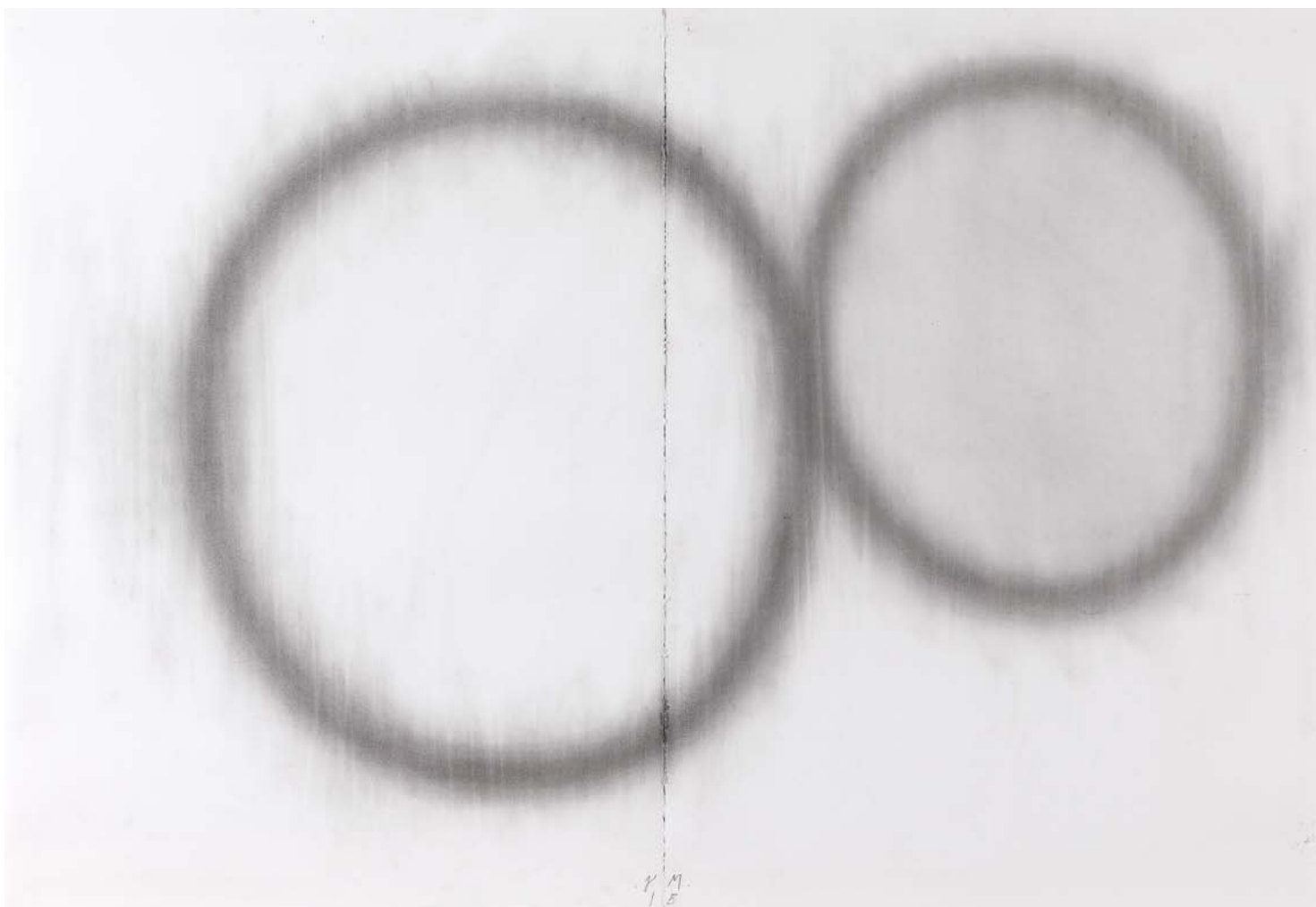
IN THE ROOM THE WOMEN GO AND COME
 TALKING OF MICHELANGELO /
 AND INDEED THERE WILL BE TIME / TO
 MURDER. "DO I DARE?" AND "DO I DARE" TIME TO TURN BACK AND DESCEND THE STAIR / WITH A BALD SPOT IN THE MIDDLE OF MY HAIR -
 [THEY WILL SAY: "HOW IS HAIR IS BECOMING THIN?" MY MORNING COAT, MY COLLAR MOUNTING FIRMLY TO THE CHIN / MY MORNING COAT.
 "MY COLLAR MOUNTING FIRMLY TO THE CHIN / MY NECKTIE RICH AND MODEST, BUT ASSERTED BY A SIMPLE PIN / (THEY WILL SAY:
 "BUT HOW HIS ARMS AND LEGS ARE THIN!") DO I DARE / DISTURB THE UNIVERSE? / IN A MINUTE THERE IS TIME / FOR DECISIONS
 AND REVISIONS WHICH IN A MINUTE WILL REVERSE. // FOR I HAVE KNOWN THEM ALL ALREADY, KNOWN THEM ALL - / HAVE HEARD
 THE EVENINGS, MORNINGS, AFTERNOONS, / I HAVE MEASURED OUT MY LIFE WITH COFFEE SPOONS, / I KNOW THE VOICES
 DYING WITH A DYING FALL / BENEATH THE MUSIC FROM A FARTHER ROOM, / SO HOW SHOULD I PRESUME? /
 AND I HAVE KNOWN THE EYES ALREADY, KNOWN THEM ALL - / THE EYES THAT FIX YOU IN A FORMULATED PHRASE /
 AND WHEN I AM FORMULATED, SPRANGLING ON A PIN / WHEN I AM PINNED AND WRIGGLING IN THE WALL / THEN HOW
 SHOULD I BEGIN / TO SPIT OUT ALL THE BUTT-ENDS OF MY DAYS AND WAYS? / AND HOW SHOULD I PRESUME? //

LET US GO THEN YOU AND I, WHEN THE EVENING IS SPREAD OUT AGAINST THE SKY /
 LIKE A PATIENT ETHERIZED UPON THE TABLE / LET US GO, THROUGH CERTAIN HALF-DESERTED
 STREETS / THE MUTTERING RETREATS / OF RESTLESS NIGHTS IN ONE-NIGHT CHEAP HOTELS /
 AND SANDWICH RESTAURANTS WITH OYSTER SHELLS: / STREETS THAT FOLLOW LINE
 A TEDIOUS ARGUMENT / OF INSIDIOUS INTENT / TO LEAD YOU TO AN OVERWHELMING
 ARGUMENT / OF INSIDIOUS INTENT / TO LEAD YOU TO AN OVERWHELMING QUESTION /
 OH, DO NOT ASK, "WHAT IS IT?" / LET US GO AND MAKE YOUR VISIT //



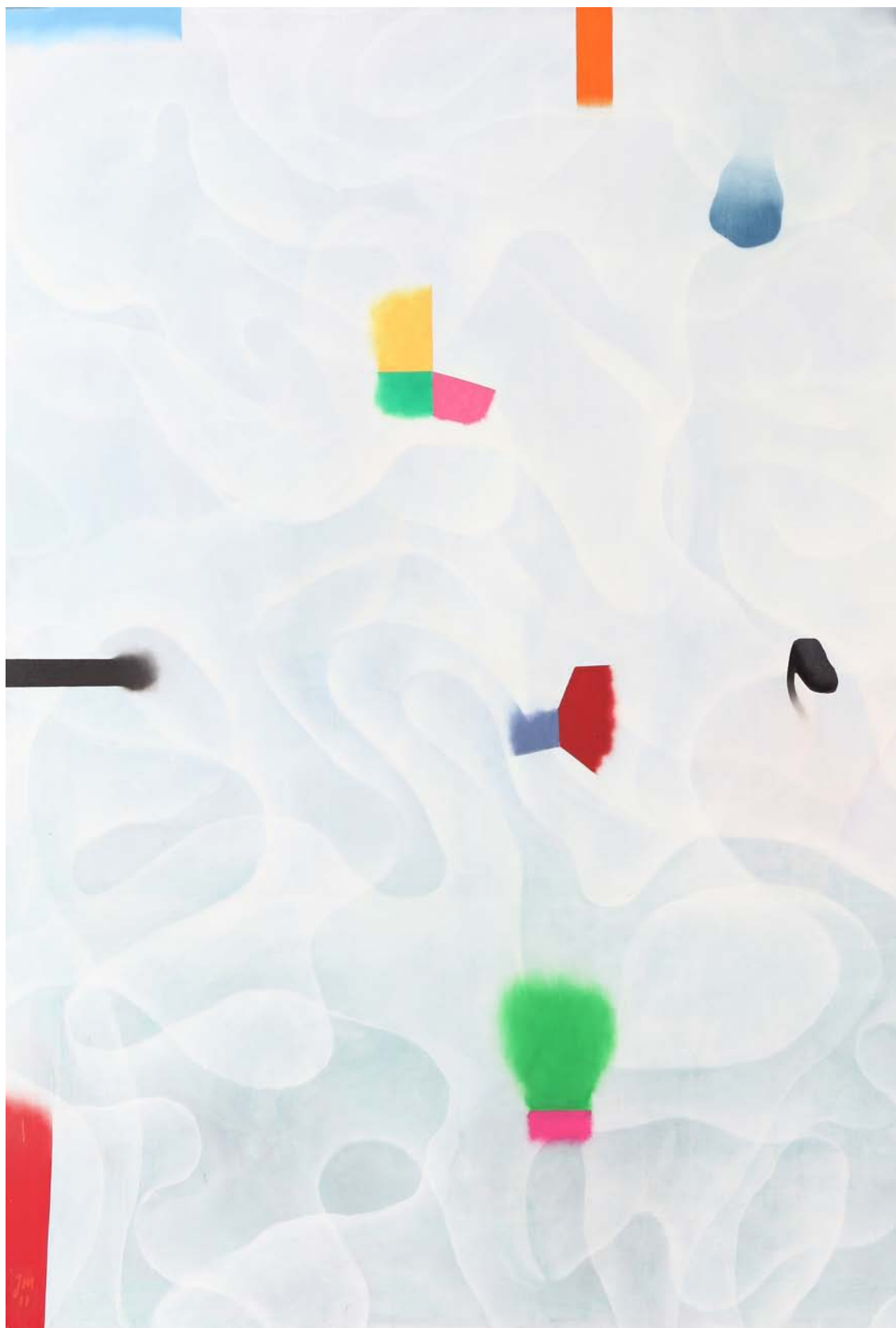
NO I AM NOT PRINCE HAWK
 NOR WAS HEANT TO BE, /
 AM AN ATTENDANT LORD
 ONE THAT WILL DO TO SWELL
 A PROGRESS, START A SCENE
 OR TWO, / ADVISE THE PRINCE
 NO DOUBT, AN EASY TOOL /
 DIFFERENTIAL, GLAD TO BE
 OF USE, / POLITE, CAUTIOUS
 AND HETICULOUS, / FULL
 OF HIGH SENTENCE, BUT
 A BIT OBTUSE, / AT TIMES
 INDEED, ALMOST RIDICULOUS
 ALMOST, / AT TIMES, THE FOL
 I DO NOT THINK THEY
 WILL SING TO ME - /
 I HAVE SEEN THEM RIDING
 SEAWARD ON THE WAVES /
 COMBING THE WHITE HAIR OF
 THE WAVES BLOWN BLACK
 WHEN THE WIND BLOWS
 THE WATER WHITE AND BLACK
 WE HAVE LIVED HERE
 IN THE CHIMNEYS OF THE SEA /
 BY SEA-GIRLS WREATHED
 WITH SEAWEED RED AND BROWN
 TILL HUNAW VOICES WAKE
 US, AND WE DROWN //







Fantasia cromática, 2010, óleo sobre tela, 200 × 200 cm







Jorge Martins

Nasceu em Lisboa, a 4 de Fevereiro de 1940. Frequentou os cursos de Arquitectura e Pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa, entre 1957 e 1961. Expõe regularmente desde 1958. A sua primeira exposição individual data de 1960. Em 1961 parte para Paris, onde vive e trabalha até 1991. Esta estada é interrompida entre 1975 e 1976, período em que se instala em Nova Iorque. Regressa definitivamente a Portugal em 1991, onde vive e trabalha desde então.

Born in Lisbon, on 4 February 1940. Attended the Architecture and Painting courses of Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa from 1957 to 1961. Exhibits regularly since 1958. His first solo exhibition was held in 1960. In 1961, he left for Paris, where he lived and worked until 1991. This Parisian stay was interrupted between 1975 and 1976, a period during which he resided in New York. Returned to Portugal in 1991, and has lived and worked there since then.

EXPOSIÇÕES INDIVIDUAIS (SELECÇÃO) SELECTED SOLO SHOWS

- 2017**
Interferências. Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa
- 2016**
Gota a Gota (fotografia). Artistas Unidos, Lisboa
- 2015**
Aforismos. Giefarte, Lisboa
- 2013**
A Substância do Tempo. Museu de Arte Contemporânea, Fundação de Serralves, Porto
Fundação Carmona e Costa, Lisboa
Dessins. Kogan Gallery, Paris
Desenhos. Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- 2011**
Eros Cromático (fotografia / photography). Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa
- 2010**
Jorge Martins: Pintura. Fundação Casa de Mateus, Vila Real
- 2008**
Projet Dessin 2002-2007. Fundação Calouste Gulbenkian, Paris
Jorge Martins. Galeria Fernando Santos, Porto
- 2007**
Jorge Martins. O Instante de Um Corpo. Giefarte, Lisboa
- 2006**
Jorge Martins. Simulacros – Uma Antologia. Centro Cultural de Belém, Lisboa
- 2005**
Pintura Recente e Desenho. Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- 2004**
Fronteiras da Ilusão. Conjunto Cultural da Caixa Econômica Federal, Brasília
Fronteiras da Ilusão. Museo del Antiguo Colegio de San Ildefonso, Ciudad de México

- 2003**
Fronteiras da Ilusão. Museu Nacional de Belas-Artes, Rio de Janeiro
Fronteiras da Ilusão. Pinacoteca do Estado de São Paulo, São Paulo
Jorge Martins. Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa
Pintura. Galeria Filomena Soares, Lisboa
Preto e Branco com Cor (Anos 70). Galeria João Esteves de Oliveira, Lisboa
- 2001**
Jorge Martins. Pintura. Culturgest, Lisboa
Anos Luz 1967-1979. Edifício do Banco de Portugal, Leiria
Desenhos. Escola António Arroio, Lisboa
Pintura. Galeria Fernando Santos, Porto
Pintura Pequenos Formatos. Giefarte, Lisboa
- 1998**
Pintura «Real/Virtual». Galeria Fernando Santos, Porto
Desenhos. Fundação Casa de Mateus, Vila Real
- 1997**
Pintura «Sobre Corpos». Galeria Luís Serpa, Lisboa
- 1995**
Sleeping Shelter. Escultura. Galeria Luís Serpa, Lisboa
Grafite/Papel. Galeria Diferença, Lisboa
Papéis Inéditos 1957-1993. Casa da Cerca – Centro de Arte Contemporânea, Almada
Drawings. Corcoran Gallery of Art, Washington, D.C.
- 1993**
Jorge Martins. Pintura 1958-1993. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1991**
Jorge Martins: Pintura. Galerie Lina Davidov, Paris
De revolutionibus orbium caelestium. Galeria EMI – Valentim de Carvalho, Lisboa
- 1990**
Peinture. Galerie TH, Lyon
Desenhos. Galeria EMI – Valentim de Carvalho, Lisboa
- 1989**
Dessins. Galerie Gilbert Brownstone & Cie, Paris
44 Desenhos para «Mensagem» de Fernando Pessoa. Museu de Macau, Macau
- 1988**
Desenhos 1957-1987. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Jorge Martins Peinture et Dessin. Galerie Pascal PolarArt, Bruxelles
Jorge Martins: Dessins. Galerie L'Entracte, Lausanne
- 1986**
Pintura. Galeria EMI – Valentim de Carvalho, Lisboa
- 1985**
O Fazer Suave de Preto e Branco (em colaboração com o fotógrafo Jorge Molder). Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1984**
Saint-John Perse, Centro de Arte Moderna – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1983**
Jorge Martins en Noir et Blanc. Dessins et Peintures. Centre d'Art et de Culture, Meudon

- Jorge Martins.* Galeria Arcano XXI, Lisboa
Jorge Martins: Preto e Branco. Desenhos. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1978**
Jorge Martins. Dessins. Ateliers Aujourd'hui. Musée National d'Art Moderne – Centre Georges Pompidou, Paris
- 1974**
Galeria 111, Lisboa
- 1970**
Herbert Lust Gallery, Chicago
- 1962**
Galeria Diário de Notícias, Lisboa
- 1961**
Galeria Alvarez, Porto
- 1960**
Sociedade Portuguesa de Gravadores Portugueses, Lisboa

EXPOSIÇÕES COLECTIVAS (SELECÇÃO) SELECTED GROUP SHOWS

- 2011-12**
Quatro (com/with Nikias Skapinakis, Sofia Areal, Manuel Casimiro), Lisboa, Guarda, Aveiro, Alcoçaba, Sines, Cascais
- 2008**
Múltiplas Direcções. Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa
- 2006**
50 Anos de Arte Portuguesa. Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Trazos Cercanos. Centro Cultural Caixanova, Vigo
Mulheres. Encontros de Fotografia. Centro de Artes Visuais de Coimbra
- 2005**
Densidade Relativa. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 2004**
Meio Século de Arte Portuguesa (1944-2004). Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa
- 2003**
Colecção de Arte Contemporânea da Caixa Geral de Depósitos. Museu Extremeño e Iberoamericano de Arte Contemporâneo MEIAC, Badajoz
- 2002**
Diferença e Conflito. Museu Nacional de Arte Contemporânea – Museu do Chiado, Lisboa
- 1999**
Circa 68. Museu de Arte Contemporânea – Fundação de Serralves, Porto
Linhas de Sombra. Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1997**
Hors Catalogue. Centre Culturel d'Amiens
- 1996**
Quatro Pintores no Levante (com/with René Bertholo, Costa Pinheiro, Manuel Baptista). Casa das Artes, Tavira
- 1995**
Arte Moderna em Portugal II. Caixa Geral de Depósitos, Lisboa

- 1994
Waves of Influence. Snug Harbour Cultural Center, New York
- 1993
Orientations. Akemi Foundation, Osaka
Tradición, Vanguarda e Modernidade do Século XX Português.
Auditorio de Galicia, Santiago de Compostela
- 1992
Arte Portuguesa no Parlamento Europeu. European Parliament,
Strasbourg
*Arte Contemporânea Portuguesa na Coleção da Fundação
Luso-Americana para o Desenvolvimento*. Centro de
Arte Moderna José de Azeredo Perdigão – Fundação
Calouste Gulbenkian, Lisboa
- 1989
Trienal de Desenho. Fundació Joan Miró, Barcelona
4 Peintres Portugais à Paris. Palais de Tokyo, Paris
Arte Português Contemporâneo. Centro Cultural Conde
Duque, Madrid
- 1987
Arte Contemporâneo Português. Museo Español de Arte
Contemporáneo, Madrid
- 1986
Le XXème au Portugal. Centre Albert Borschette, Bruxelles
III Exposição de Artes Plásticas. Fundação Calouste
Gulbenkian, Lisboa
- 1985
Representação Portuguesa na 18.ª Bienal de São Paulo /
Portuguese Representation at the 18th São Paulo Biennale
Diálogos sobre Arte Contemporânea. Centro de Arte Moderna
José de Azeredo Perdigão – Fundação Calouste
Gulbenkian, Lisboa
- 1984
Le Labyrinthe dans l'Art Contemporain. Centre Culturel
Portugais – Fundação Calouste Gulbenkian, Paris
- 1982
Aspectos da Arte Abstracta: 1970-80. Sociedade Nacional de
Belas-Artes, Lisboa
- 1979
Hyllning till Nobelpriset [Homenagem ao Prémio Nobel /
Nobel Prize Homage]. Galerie Börjeson, Malmö
- 1978
Bilder, Briefe, Noten II [Quadros, cartas, notas II]. Autoren
Galerie, München
- 1977
Grands et Jeunes d'Aujourd'hui. Grand Palais, Paris
- 1976
Arte Portoghese Contemporanea. Galleria Nazionale d'Arte
Moderna, Roma
Art Portugais Contemporain. Musée d'Art Moderne, Paris
- 1975
La Réalité et son Image. Galerie Etienne de Causans, Paris
- 1974
Comparaisons/Oppositions. Centre Culturel de Limoges,
Limoges
Au-delà de l'Image. Galerie Bellechasse, Paris
- 1973
Pintura Portuguesa de Hoje: Abstractos e Neofigurativos.
Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa
- 1972
Inicia colaborações com as galerias Bellechase (Paris)
e Börjeson (Malmö) / Begins working with the
Bellechase (Paris) and Börjeson (Malmö) galleries
Twenty Artists from Portugal. Hudson River Museum,
New York
- 1971
Inicia a colaboração com a Galeria 111, Lisboa / Begins
working with Galeria 111, Lisbon
- 1970
Exposição Mobil de Arte Moderna. Sociedade Nacional
de Belas-Artes, Lisboa
IIe Biennale Internationale de Gravure. Musée d'Art
Moderne, Paris
Pintura Portuguesa de Hoje: Abstractos e Neofigurativos.
Sociedade Nacional de Belas-Artes, Lisboa, Barcelona
e Salamanca
Exposição Prémio Soquil de Arte Moderna. Lisboa
- 1969
Gravure Contemporaine. Maison de l'Unesco, Paris
- 1968
Bienal Internacional de Gravura. Buenos Aires
Ie Biennale Internationale de la Gravure. Musée d'Art
Moderne, Paris
- 1967
Inicia uma colaboração com a Galeria Virginia e Herbert Lust,
Chicago e Nova Iorque / Begins working with the Virginia
and Herbert Lust Gallery, Chicago and New York
Salon de la Jeune Peinture. Musée d'Art Moderne, Paris
Novas Iconologias. Galeria Buchholz, Lisboa
- 1966
Seis Pintores Portugueses de Paris. Galeria Buchholz, Lisboa
- 1965
Ive Biennale Internationale d'Art. Musée d'Art Moderne, Paris
- 1961
II Exposição de Artes Plásticas. Fundação Calouste Gulbenkian,
Lisboa
- 1960
II Salão de Arte Moderna. Casa da Imprensa, Lisboa
- 1959
Exposição dos Artistas Independentes. Sociedade Nacional de
Belas-Artes, Lisboa
I Salão de Desenho Moderno. Casa da Imprensa, Lisboa
- 1958
1.º Salão de Arte Moderna. Sociedade Nacional de Belas-
Artes, Lisboa
Salão de Arte Moderna. Casa da Imprensa, Lisboa

PRÉMIOS PRIZES

- 2003
Prémio Consagração 2003. CELPA – Fundação Arpad
Szenes – Vieira da Silva
- 1988
Prémio Artes Plásticas SEC-AICA. Associação
Internacional de Críticos de Arte, em parceria com a
Secretaria de Estado da Cultura
- 1986
Prémio de Desenho da III Exposição de Artes Plásticas.
Fundação Calouste Gulbenkian
- 1984
Prémio Gulbenkian de Ilustração de Literatura Infantil
(ilustração d'O Livro das Sete Cores)
- 1971
Prémio Artes Plásticas AICA (Menção Honrosa).
Associação Internacional de Críticos de Arte
- 1970
Prémio Soquil de Arte Moderna (Menção)

COLECCÕES PÚBLICAS (SELECÇÃO) SELECTED PUBLIC ART COLLECTIONS

- Bolsa de Valores de Lisboa
Caixa Geral de Depósitos, Lisboa
Casa Museu Anastácio Gonçalves, Lisboa
Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão –
Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa
Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva
Fnac – Fonds National d'Art Contemporain, Paris
Fundação Carmona e Costa, Lisboa
Fundação EDP
Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, Lisboa
Fundação PT
Mairie de Paris, Paris
Ministério das Finanças, Lisboa
Musée National d'Art Moderne – Centre Georges
Pompidou, Paris
Museu Carlos Machado, Ponta Delgada
Museu de Arte Contemporânea – Fundação de Serralves,
Porto
Museu de Arte Contemporânea – Museu do Chiado,
Lisboa
Museu de Arte Contemporânea, Funchal
Museu de Luanda, Luanda
Museu Nacional de Soares dos Reis, Porto
Statens Museum for Kunst, København

OBRAS PÚBLICAS PUBLIC WORK

- Câmara Municipal de Lisboa (sala de jantar e escada norte
/ dining room and northern staircase)
Complexo Industrial SOVENA (concepção cromática /
chromatic concept), Almada
Edifício ECRAN, Parque Expo, Lisboa
Estação de Metro Chelas, Lisboa
Estação de Metro Pontinha (revestimento cerâmico /
ceramic tiles), Lisboa
Lagos, Espírito Santo Plaza, Miami
Ocean Piece, Washington D.C. Metro

BIBLIOGRAFIA (SELECÇÃO) SELECTED BIBLIOGRAPHY

- Monografias e catálogos de exposições individuais /
Monographs and solo-exhibition catalogues**
Jorge Martins: A Substância do Tempo. Lisboa: Documenta,
Fundação Carmona e Costa e/and Museu de Arte
Contemporânea de Serralves, 2013 (textos de / texts by
António Mega Ferreira, João Fernandes, José Gil, Manuel
Castro Caldas, Pierre Georgel, Sara Antónia Matos)
Jorge Martins: Projet Dessin 2002-2007. Lisboa: Fundação
Calouste Gulbenkian, 2008 (textos de / texts by
Manuel Costa Cabral, Rita Fabiana, Raquel Henriques
da Silva, José Gil)
Jorge Martins. O Instante de Um Corpo. Lisboa: Giefarte,
2007 (texto de / text by José Gil)
Jorge Martins: Simulacros – Uma Antologia. Lisboa:
Civilização, 2006 (textos de / texts by Luís Henriques,
Raquel Henriques da Silva, Margarida Veiga)
Jorge Martins: A Luz e a Pintura. Lisboa: Editorial Caminho,
2005 (texto de / text by Eduardo Paz Barroso)
Jorge Martins. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 2005
(textos de / texts by João Lima Pinharanda, Paulo
Herkenhoff, José Gil)

Fronteiras da Ilusão – Jorge Martins – Pintura. Lisboa: Gabinete das Relações Culturais Internacionais, 2003 (texto de / text by João Lima Pinharanda)

Jorge Martins: CELPA, Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Prémio Consagração 2003. Lisboa: Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, 2003

Jorge Martins: Preto e Branco com Cor, Trabalhos dos Anos 70. Lisboa: Galeria João Esteves de Oliveira, 2003

Jorge Martins: Obra Recente. Porto: Galeria Fernando Santos, 2001 (texto de / text by João Lima Pinharanda)

Jorge Martins: Pintura. Lisboa: Culturgest, 2001 (texto de / text by José Gil)

Anos Luz: Pintura 1967-79. Leiria: Câmara Municipal de Leiria, 2001 (texto de / text by João Lima Pinharanda)

Jorge Martins: Real/Virtual. Porto: Galeria Fernando Santos, 1998 (texto de / text by Eduardo Paz Barroso)

Jorge Martins: Papéis Inéditos 1957-1993. Almada: Câmara Municipal, 1995 (texto de / text by Rogério Ribeiro)

Jorge Martins: Sleeping Shelter. Lisboa: Galeria Luís Serpa, 1995 (textos de / texts by Jorge Martins, José Gil)

Jorge Martins: Pintura, 1958-93. Lisboa: Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian, 1993 (textos de / texts by José Sommer Ribeiro, José Gil, Manuel Villaverde Cabral, Isabel Carlos)

Jorge Martins. Paris: Galerie Lina Davidov, 1991 (texto de / text by José Gil)

Jorge Martins: Grafite sobre Papel. Lisboa: EMI – Valentim de Carvalho, 1990 (prefácio de / preface by Alberte Grynypas Nguyen)

Jorge Martins. Lisboa: EMI – Valentim de Carvalho, 1989 (prefácio de / preface by João Miguel Fernandes Jorge)

Jorge Martins. Dessins. Paris: Gilbert Brownstone & Cie, 1989 (texto de / text by Alberte Grynypas Nguyen)

Jorge Martins: Desenhos, 1957-1987. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Serviço de Exposições e Museografia, 1988 (textos de / texts by José Gil, Maria Filomena Molder, Manuel Castro Caldas)

Jorge Martins: Dessins. Lausanne: Galerie L'Entracte, 1988 (texto de / text by Pierre Georgel)

Jorge Martins. Lisboa: Galeria EMI, 1986 (prefácio de/preface by José-Augusto França)

O Fazer Suave de Preto e Branco: 20 Desenhos de Jorge Martins, 20 Fotografias de Jorge Molder. Lisboa: Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian, 1985 (texto de / text by João Fatela)

Jorge Martins. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1984, Coleção Arte e Artistas (texto de / text by Maria Filomena Molder)

Jorge Martins: Preto e Branco: Desenhos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Serviço de Exposições e Museografia, 1983 (textos de / texts by José Sommer Ribeiro, Pierre Georgel, Fernando Gil)

Jorge Martins. Dessins (Ateliers d'Aujourd'hui). Paris: Centre Georges Pompidou. Musée National d'Art Moderne, 1978 (texto de / text by Pierre Georgel)

Jorge Martins. Porto: Galeria Zen, 1972 (texto de / text by Gérald Gassiot-Talabot)

Jorge Martins. Lisboa: Galeria 111, 1970 (introdução de / introduction by Gérald Gassiot-Talabot)

Jorge Martins: En Noir et Blanc: Dessins et Peintures. Meudon: Centre Culturel de Meudon, s/d / undated (texto de / text by Brigitte Cornand)

Catálogos de exposições colectivas / Catalogues of group exhibitions

50 Anos de Arte Portuguesa. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian / Serviço de Belas-Artes, 2007 (texto de / text by Raquel Henriques da Silva)

Desenho: Desenhos e Uma Escultura. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 2007 (textos de / texts by Jorge Molder, Leonor Nazaré)

Trazos Cercanos: Artistas en el Siglo XX Portugués. Vigo, Espanha: Centro Cultural Caixanova, 2006 (textos de / texts by Marisa Oropesa, Fernando Castro Flores, Rui Mário Gonçalves)

Arte Portuguesa em Brasília. Brasília: Editora 21, 2005 (textos de / texts by Francisco Seixas da Costa, Roberto Lima)

Linhas de Sombra. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1999 (textos de / texts by João Miguel Fernandes Jorge, Jorge Molder, Maria Helena de Freitas)

5 Esculturas em Mármore. Lisboa: Cevalor e / and Parque Expo '98, 1998 (texto de / text by Alexandre Pomar)

Pinturas com Luz. Lisboa: EDP – Electricidade de Portugal, 1997 (texto de / text by João Lima Pinharanda)

O Desenho do Desenho. Lisboa: Casa da Cerca, Centro de Arte Contemporânea, 1995 (textos de / texts by Ana Isabel Ribeiro, Renata Araújo)

Arte – Metropolitano de Lisboa. Lisboa: Metropolitano de Lisboa, 1995 (texto de / text by João Castelo-Branco Pereira)

Dacosta, Pomar, Cargaleiro, Jorge Martins: 4 Pintores Portugais à Paris. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989

I Trienal de Dibuix Joan Miró. Barcelona: Fundació Joan Miró, 1989. Representação portuguesa à 18.ª Bienal Internacional de São Paulo. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1985 (apresentação de / presentation by José Sommer Ribeiro)

Exposição Saint-John Perse: bio-bibliografia e poema Amers. Lisboa: Centro de Arte Moderna José de Azeredo Perdigão – Fundação Calouste Gulbenkian, 1984 (texto de / text by André Siganos)

Moderna Mästere. Malmö: Galerie Börjeson, 1980 (textos de / texts by Gunnar Brahammar, Kristina Garmer)

Capítulos ou ensaios em livros sobre arte / Chapters or essays in art books

GIL, José, *Sem título: Escritos sobre arte e artistas*. Lisboa: Relógio D'Água, 2005, pp. 180-221

FERNANDES JORGE, João Miguel, *Um quarto cheio de espelhos*. Lisboa: Quetzal Editores, 1987, pp. 79-83

CASTRO CALDAS, Manuel, *Dar Coisas aos Nomes: escritos sobre arte e outros textos*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2008, pp. 36-51

MENDONÇA, Mindy, *Gosto, Coleccionismo e Criação – Jorge Martins e o Mercado da Arte*, tese de mestrado em Gestão de Mercados da Arte, ISCTE. Lisboa, 2008

ROSA DIAS, Fernando, *Arte Contemporânea Portuguesa do Século XX*, tese de doutoramento, Faculdade de Belas-Artes da Universidade de Lisboa. Lisboa, 2006

Artigos em publicações periódicas / Articles in periodicals

CARLOS, Isabel, «Landscape Posts/Post-Landscape», *Flash Art*, International: vol. XXV, n.º 164, May/June, Informação Literária, n.º 4, 1990, pp. 90-92

FERNANDES, Maria João, «Um universo mutante: Jorge Martins na Culturgest», *Arte Ibérica*, Lisboa: Arrábida, n.º 47, Junho de 2001, pp. 26-29

GIL, Fernando, «Elogio do...», *Colóquio. Revista de Artes Visuais, Música e Bailado*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 59, Dezembro de 1983, pp. 20-21

GONÇALVES, Rui Mário, «Jorge Martins», *Colóquio. Revista de Artes Visuais, Música e Bailado*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 13, Junho de 1973, pp. 7-8

MOLDER, Maria Filomena, «Jorge Martins», *Colóquio. Revista de Artes Visuais, Música Bailado*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 67, Dezembro de 1985, p. 72

OLIVEIRA, Emídio Rosa de, «Jorge Martins, ou a modulação rítmica da cor», *Artes Plásticas*, Lisboa: Agil – Artes Gráficas, Informação Literária, n.º 4, 1990, pp. 32-34

SARTORI, Alberto, «Jorge Martins: Il Disegno Assoluto», *Futurismo – oggi* (periódico mensal / monthly), Roma: Anno XXIV (Juglio-Agosto 7, 8), 1992

WEELEN, Guy, «L'Œil voit/pense», *Colóquio. Revista de Artes Visuais, Música Bailado*, Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, n.º 9, Dezembro de 1983, pp. 16-21

Obras ilustradas / Illustrated works

GIL, José, *Cemitério dos Desejos*. Lisboa: Relógio D'Água, 1990

—, *Sem Título*. Lisboa: Altamira, 1985

JÚDICE, Nuno, *Raptos*. Lisboa: Livros Quetzal/Casa Fernando Pessoa, 1998

—, *Lira de Liqen*. Lisboa: Edições Rolim, 1986

MENÉRES, Maria Alberta, TORRADO, António, *O Livro das Sete Cores*. Lisboa: Editorial Caminho, 1983

NETO JORGE, Luiza, *O Ciclópio Acto*. Lisboa: Livraria-Galeria 111, 1972

PESSOA, Fernando, *Mensagem*. Lisboa: Círculo de Leitores/Publicações Dom Quixote, 1988

SASPORTES, José, *Os Dias Contados*. Lisboa: Dom Quixote, 2005

—, *Daisy: Um Filme para Fernando Pessoa*. Lisboa: Edições Salamandra, 1986

SHAKESPEARE, William, *Os Sonetos de Shakespeare*. Lisboa: Bertrand, 2002

Tabacaria, revista de Poesia e Artes plásticas. Lisboa: Casa Fernando Pessoa, n.º 1 / zero, 1996

Nova Magazine: poesia e desenho. Lisboa: Inverno, n.º 1, 1975/1976

traduções | *translations*

Interferences

MARINA BAIRRÃO RUIVO

About a year ago, the Arpad Szenes – Vieira da Silva Foundation enthusiastically welcomed a proposal from Maria da Graça Carmona e Costa: to hold an exhibition of Jorge Martins in the museum of the artists who had an affectionate relationship with him. While on the one hand a generous partnership with the Carmona e Costa Foundation made it possible to fulfil this project, on the other it made perfect sense to show at Vieira and Arpad's house the work of painter Jorge Martins, now in a more impressive scale than his previous presences here, in 2003 (solo show), 2011 and 2012.

In 2003, Jorge Martins was awarded the Celpa / Vieira da Silva Visual Arts Recognition Prize¹, established in 2000 to yearly celebrate the personality that had most honoured Portugal in the sphere of the Visual Arts (previous winners were Júlio Pomar in 2000, Paula Rego in 2001 and Fernando Lanhas in 2002). In 2011, an exhibition of female portraits brought photos by three artists – Man Ray, Jorge Martins and Julião Sarmiento² – into dialogue with one another. Jorge Martins was represented with intimate depictions of female sitters, taken between 1964 and 1973 in Paris, to which the artist gave the title of Eros cromático [Chromatic Eros]. Some of these photos had been taken at Vieira da Silva's rue de l'Abbé Carton studio. In 2012, the Arpad Szenes – Vieira da Silva Foundation presented Amigos de Paris³, an exhibition featuring works by four Portuguese artists who had lived in Paris and had been especially connected to Arpad Szenes and Vieira da Silva, both affectively and artistically: Lourdes Castro, René Bertholo, Jorge Martins and José Escada.

Jorge Martins' body of work holds an important position in Portuguese contemporary art, and his production is immense. While visiting his studio, recognising some pieces and discovering others, a drawing drew our attention due to its suggestive title: Interferences⁴. We had found the title for the present exhibition, so rich in interferences and close connections.

Friendship lies at the root of this exhibition, starting with the one that links Jorge Martins to Maria Helena Vieira da Silva and Arpad Szenes, with whom the young painter became acquainted since 1961, when he came to Paris as an exile. Of all the Portuguese artists who went to live in Paris for political or

1 *Jorge Martins Prémio CELPA / VIEIRA DA SILVA Artes Plásticas Consagração 2003*, 18 June-20 July 2003.

2 *Man Ray, Jorge Martins e Julião Sarmiento: retratos de mulheres*, 27 January-30 April 2011.

3 *Amigos de Paris. Lourdes Castro, René Bertholo, José Escada, Jorge Martins*, 26 January-15 April 2012.

4 *Interferências*, 2007, graphite on paper, 120 x 160 cm, artist's collection.

artistic reasons (namely through grants from the Calouste Gulbenkian Foundation), Jorge Martins was the one who remained there longer, between 1961 and 1974, and between 1976 and 1991.

Arpad Szenes (in 1925) and Vieira da Silva (in 1928) had decided to leave their respective home countries for Paris, driven by the needs of their increasingly demanding art and by the cultural and intellectual stimulation of the city, to which they would return after a seven-year exile in Brazil (1940-1947). It was during the 1950s that the work of both artists reached its maturity, as well as fame in France and abroad; in Portugal, however, modern painting, particularly Vieira da Silva's, continued to be met with resistance and incomprehension. The cultural climate of the decade that became known as the "leaden years"⁵ was characterised by isolation, censorship and by the kind of modernist aesthetic sanctioned by the regime and its repressive ideology, as well as by the absence of opportunities in the arts, be it in terms of study, the market or institutions. Inspired by a longing for cultural and artistic renewal, or driven by a refusal to take part in the colonial war (1961-1974), a generation of young Portuguese artists left the country, for a variety of expressive, political and existential reasons. Their exodus largely converged into Paris, where the tutelary figures of Maria Helena Vieira da Silva and Arpad Szenes, "the greatest exponent of the success cultural and artistic exile in Paris could bring"⁶, would welcome and guide them.

The couple always kept in contact with Portuguese artists and intellectuals when visiting Lisbon or in Paris, where they were very sought after. Their generosity was well known, especially towards young Portuguese artists who came to Paris with limited means. They showed interest in their pictorial researches, discreetly ensured that they would have the materials they needed, visited their studios and regularly invited them to their home, giving them a drawing or small gouache painting they could sell if necessity demanded it. In turn, the young artists also made gifts of their work to their hosts: these pieces are now part of the Arpad Szenes – Vieira da Silva Foundation's collection. Vieira and Arpad's support of these artists did not lack critical sense and a refined, and well-respected, aesthetic judgement.

Out of that group of young painters who resided in Paris, Jorge Martins was one of those who were closest to the couple, entertaining with them a generous, near-filial friendship; he would spend long periods of time working in the studios they had in Paris and Yèvre-le-Châtel.

About his painting, Arpad stated: "I greatly enjoy his slow evolution, the slow progression of his mind. Here is a young man whose work conveys not just talent, but also an intelligent and thoughtful vision"⁷ and Vieira observed: "Jorge Martins possesses both vocation and talent, things that do not always come

5 Fernando Rosas — *O Estado Novo (1926-1974)*, Vol. 7 of *História de Portugal*, org. José Mattoso. Lisbon: Círculo de Leitores, 1994, quoted in a note in Manuel Villaverde Cabral — "Paris, Portugal: dos anos de 1950 aos anos de 1970", *KWY Paris 1958-1968*. Lisbon: CCB/Assírio & Alvim, 2001. P. 54.

6 Ana Filipa Candeias — "A revista KWY", *KWY Paris 1958-1968*. Lisbon: CCB/Assírio & Alvim, 2001. P. 89.

7 Letter from Arpad Szenes to Artur Nobre de Gusmão, director of the Fine Arts Department of the Calouste Gulbenkian Foundation, concerning Jorge Martins, 4 March 1963. Arquivo FCG, SBA 01/01-0136876.

*hand in hand. Recently, I saw his art. My husband and I were impressed with the power, beauty, culture and work it reveals*⁸.

In December 1969, while being interviewed for the Diário Popular newspaper, Maria Helena Vieira da Silva pointed out to the reporter one of the people who were attending the conversation in her Paris house, and made the following suggestion: “Mention him in Lisbon. He is a young painter, but he has a long career before him.” That young painter was Jorge Martins.

Friendship is also present in the contributions of the authors of the texts in this catalogue: Vicente Jorge Silva and José Gil, friends of the artist whom has an elective affinity with his paintings and drawings, and Joana Baião (IHA, FCSH, Universidade Nova de Lisboa), a regular collaborator with the Arpad Szenes – Vieira da Silva Foundation who shares our deep interest in the work of the three artists.

This exhibition would not have been possible without the close friendship that unites us to Maria da Graça Carmona e Costa, who is a member of the Patrons’ Council of the Arpad Szenes –Vieira da Silva Foundation and has always supported the artists with inspiring enthusiasm.

8 Letter from Vieira da Silva to the Direction of the Calouste Gulbenkian Foundation, concerning Jorge Martins, 31 March 1965. Arquivo FCG, SBA 01420.

9 Vieira da Silva interviewed by Nuno Rocha, *Diário Popular* (5 December 1969), p. 35.

The Musical Plane

JOSÉ GIL

This exhibition marks a crucial change in the work of Jorge Martins. A change that has been maturing over the years; often, he seemed about to reach it, only to turn back or swerve away from it, to experiment with new languages and then move forward again. Everything turns around line and colour. It is not by chance that we have here a number of 1950s and 1960s drawings in which lines become blurry, or colourful surfaces mingle with geometric patterns in Indian ink, thus blending two distinct techniques and aesthetics. And what is the purpose of this mixture? To undo contours and cause the lines and boundaries of drawing and painting to crumble, without loss of autonomy for any of the two disciplines.

This is not the localised effect of a purely technical change, but an actual subversion of the artist's universe. The works shown here retrace the road so far travelled, always showing how, across many different phases and "periods", the search for a more widespread and consistent process of line dissolution progressed (from his 1975/76 World Trade Center by Light pieces, in which the concentration of light dissolves the edges of the twin towers, to 2013's Fuga). Here we see how fully successful the work towards the liberation of colour and boundaries has been; so successful, indeed, that it has conquered itself. This liberation encompasses the whole artist: never as now has Jorge Martins displayed such control of his art, of the many styles he has explored over the years, of the free play with which he invents new vibrations and intensities.

The line's dissolution does not imply its erasure. Actually, it is the contrary that occurs: as it erodes, it multiplies, unfolding itself in chaotic proliferation. Out of that chaos, worlds are born. Two works emblematically and literally state that: the drawing that comments on Malevich's Black Square (Malévitch desfocado, 1976), and Still Time, a 2009 painting. Many other pieces return to that "event". Jorge Martins abolishes the black square's geometric contours by turning them into a mist of tiny dots that appear to emerge out of the homogeneous background; in a way similar to Malevich, who had moved the black square away from the nothing it originally represented to make it the austere unit of the new Suprematist language, here the central square becomes an indefinite and obscure focal point out of which lines, forms or motion emerge, or conversely swallows them all like a black hole. Acreções and Mehr Licht showcase that reciprocal movement of birth/absorption that marks the rhythm of so many of Jorge Martins' pictures.

In Still Time, out of a background that exceeds the scope of the canvas, a mass of smoke comes, multiplying and unfolding itself as countless slow white twists and turns, just about to become still. It is like a still life that is revived by painting, transmuting time into eternity (which is the time of the work of art. An

Between the sea bottom and the stars

(memory of an insular closeness)

VICENTE JORGE SILVA

I have been a friend of Jorge Martins for over forty years, but there is a rare (and, to me, unique) secret to that friendship. More than gestures, more than words, more than the conversations we frequently enjoy, what most connects me to him is the elective affinity I feel for his paintings and drawings. It is a quite simple secret: with no other of my artist friends – be they writers, film-makers, musicians, photographers, painters... – do I share such an intense closeness with their inner world, here transposed onto canvas or paper.

Jorge is a shy man, who does not easily speak about himself or his work, but that timidity has no ill effect on our closeness. Much to the contrary. I would even state the following: that involuntary distance, which apparently draws us apart in our everyday relationship, ends up mysteriously thwarted and sublimated by the intensity of my relationship with his artistic trajectory, which I have been following for a long time.

To me, Jorge is largely what I see in those drawings and paintings, in which I find everything I would never be able to express by myself (I am not a painter, and cinema is the expressive medium that is closer to my creative whims), but which corresponds, deep down, to the most secret side of my imagination, as if, through Jorge's visions, I were being confronted with the revelation of the mystery of my own visions and dreams.

Having said this, there may be an explanation for our closeness, as expressed in his canvases and drawings. I was born on an island, and insularity has a deep hold on my being. And Jorge does not forget the deep impression the islands left in him since, as an 18-year-old, he visited Madeira and the Azores for the first time. Jorge feels genuine passion for the islands and for the mysteries of the sea, especially its eerie depths, a passion that inspires him to travel in search of other imponderable horizons, in a cosmic route towards the stars.

In fact, one of the aspects of his work that most impresses me is how he harmonises the continuity of his visions and obsessions with the varying approaches, genres and techniques he employs. Jorge goes through his life while preserving an essential fidelity to his origins and to an insatiable curiosity, a generous willingness to try new paths that nonetheless intersect with the old ones, to the point that different epochs become confused in a line of disconcerting coherence. From 1958, the year in which he exhibited for the first time (as one of the artists featured in the Casa da Imprensa's 1st Modern Art Salon), until the present time, it is easier to find (eventually disturbing) convergence points than locate ruptures in his

Jorge Martins in context

Interferences in the itinerary of a plural painter

JOANA BAIÃO

Since the beginning of his already long career, Jorge Martins – or, more precisely, his work – has attracted the attention of art critics, historians, writers, philosophers and poets who, with their remarkable powers of observation and critical sense, have been able to see and translate into words the various theoretical and aesthetic issues enunciated by his unmistakable and fruitful pictorial production. The present text follows a different approach, which I consider equally important in the analysis of this artist’s work: the contextual evocation of his itinerary, throughout which Martins was – has been – “several painters”, taking on a heteronymous artistic personality that results in a quite varied body of work in which, as Raquel Henriques da Silva observed, one can identify several “phases, renewed hypotheses that do not generate a system and sometimes host conflicting signals”².

Taking as my starting-point an exhibition that presents a selection of pieces ranging across practically the whole production of Jorge Martins – from the 1950s to the 2010s –, I intend to recollect here some of the contexts in which these works were produced, highlighting the formation and consolidation years of a career marked by interferences from the various places known by a plural painter who was an exile and an émigré during a long and important period of his life.

Interferences I. Portugal, late 1950s

Born in 1940, Jorge Martins enrolled on the Architecture course of Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa (ESBAL) in 1958, switching to Painting one year later, a decision that was certainly the natural consequence of a precocious taste for drawing and painting:

- 1 “I was several painters. (...) I was a painter concerned with issues of form, light, colour. I was a painter concerned with the human figure, and even with theatrical, baroque situations.” Jorge Martins interviewed by Rodrigues da Silva, “Jorge Martins. Do rigor à síntese”, *JL – Jornal de Letras, Artes e Ideias* (Lisbon, 23 November 1993), 24.
- 2 Raquel Henriques da Silva, “Jorge Martins. Formas, Figuras e Simulacros”, *Jorge Martins. Simulacros / Uma Antologia* (Lisbon: Fundação Centro Cultural de Belém / Civilização Editora, 2006), 27.

I don't know what made me draw for hours, ever since I was a child; certainly there was in it the same playful pleasure of solitary exorcism all children share; But I remember that, when I was probably in the First or Second Form, I was gifted a Spanish-published art book filled with reproductions, namely of many drawings by Rembrandt which I immediately started copying, full of enthusiasm and admiration. It was then that I developed manual tics that sometimes still resurface (...). These drawings, combined with the freshness of Dufy, whose work I discovered soon after, led me to make hundreds of sketches of Lisbon and the Tagus Quays.³

In 1958, Martins began working at Sociedade Cooperativa de Gravadores Portugueses and took part for the first time in a group show – Casa da Imprensa's 1st Modern Art Salon, organised by Artur Portela Filho and Benjamim Marques –, where he presented works that already displayed his taste for abstract art, “influenced by certain members of the School of Paris, Vieira da Silva, Poliakoff, Manessier... ”⁴. Drawings and paintings from that period testify to the painter's integration in the “luminous and chromatic, landscape and abstract-flavoured tradition of the 1950s”⁵ and articulate some of his future explorations of line and patch, of colour and its absence. It bears mentioning here that throughout the 1950s the Portuguese artistic milieu would remain focused on a topic that dated back to the previous decade: the figuration versus abstraction/non-figuration dialectic, whose protagonists divided themselves, in general terms, between neorealists and surrealists on one side and the upholders of abstractionism on the other⁶. In the late 1950s, that discussion began calming down and the interest in abstraction prevailed, becoming a target of attention from a significant group of critics and artists – of which young Jorge Martins was one – who were especially interested in the School of Paris' visual and theoretical ideas.

Still in 1958, Martins began sharing with José Escada (1934-1980) a small studio in the Junqueira neighbourhood. It was through this painter, with whom he had become acquainted “because we had common friends who had nothing to do with art”, that he met other artists, namely René Bertholo (1935-2005), Lourdes Castro (b. 1930), Costa Pinheiro (1932-2015) and Gonçalo Duarte (1935-1986). Looking back on that time, he describes the shortcomings of Lisbon's cultural life:

There were no places to make an exhibition, apart from the SNBA. Galeria Diário de Notícias would not open until 1959 or 1960. (...) Poets and artists used to hang out at two cafés, Gelo and Royal; the latter closed even before I went to Paris. And there was also another café, the Brasileira. At ESBAL, in

3 Jorge Martins interviewed by Roy Rolim, “Jorge Martins: um pintor português no Centro Georges Pompidou”, *Jornal Novo* (Lisbon, 7 June 1978), 9.

4 *Idem*, 9. More properly, this was his first group show “with professionals”. In 1956, while still in secondary school, Martins took part in a small group show at Havas Agency, in Lisbon.

5 João Pinharanda, “Inventário Jorge Martins”, *Jorge Martins* (Lisbon: Publicações D. Quixote, 2005), 44-45.

6 Cf. Alexandre Melo, “Os anos 60”, *Arte e artistas em Portugal* (Lisbon: Círculo de Leitores, 2007), 16-17.

7 Jorge Martins interviewed by Rodrigues da Silva, *Op. cit.*, 24.

Este livro foi publicado por ocasião da exposição «Interferências», de Jorge Martins,
realizada na Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva,
em parceria com a Fundação Carmona e Costa,
de 16 de Maio a 9 de Julho de 2017

*This book was published on the occasion of the Jorge Martins' exhibition "Interferências",
shown at Arpad Szenes – Vieira da Silva Foundation,
in partnership with the Carmona e Costa Foundation,
from May 16 to July 9, 2017*

Agradecimentos | *Acknowledgements*

Quero exprimir a minha gratidão à Fundação Carmona e Costa e à Fundação Vieira da Silva – Arpad Szenes pelo convite que me dirigiram para realizar esta exposição.

Agradeço também à Marina Bairrão Ruivo que me permitiu, no Museu que dirige, gozar mais uma vez da hospitalidade da Maria Helena e do Arpad.

Os meus agradecimentos vão igualmente para todos os que colaboraram e me apoiaram ao longo do processo de preparação e realização desta exposição e deste catálogo.

Finalmente, um grande e muito especial obrigado para a Maria da Graça Carmona e Costa, que mais uma vez, com a sua amizade, energia e generosidade, fez surgir mais esta exposição.

I would like to express my gratitude to Fundação Carmona e Costa and Fundação Vieira da Silva – Arpad Szenes for inviting me to hold this exhibition.

I also thank Marina Bairrão Ruivo for allowing me to enjoy, once again, the hospitality of Maria Helena and Arpad, at the Museum she now directs. I also would like to thank all my collaborators and all of those who gave their support along the process of preparing and realizing this exhibition and this catalogue.

Finally, a very special thanks to Maria da Graça Carmona e Costa, whose friendship, energy and generosity once again made this exhibition possible.

FUNDAÇÃO CARMONA E COSTA

Conselho Geral | *General Board*

Maria da Graça Dias Coelho Carmona e Costa

Conselho de Administração | *Board of Directors*

Maria da Graça Dias Coelho Carmona e Costa
(Presidente | *President*)

Álvaro Carmona e Costa Portela

José Amaro Martins Carmona e Costa

Administradora Executiva | *Executive Director*

Maria da Graça Dias Coelho Carmona e Costa

Assessor para a Programação Cultural | *Advisor for Cultural Programming*

Pedro Valdez

FUNDAÇÃO

ARPAD SZENES – VIEIRA DA SILVA

Conselho de Administração | *Board of Directors*

António Gomes de Pinho (Presidente)

João Corrêa Nunes (Vice-Presidente)

Jorge Gabriel

José Manuel dos Santos

Raquel Henriques da Silva

Simonetta Luz Afonso

Vera Nobre da Costa

Director | *Director*

Marina Bairrão Ruivo

EXPOSIÇÃO | *EXHIBITION*

Seleção de obras e montagem | *Selection of Works and Display*

Marina Bairrão Ruivo

Jorge Martins

Produção | *Production*

Sandra Santos

Sandra Quintas

Sofia Sutre

Equipa de montagem | *Display Staff*

António José Pereira

Carlos Nogueira

Comunicação | *Media Department*

Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva

Fundação Carmona e Costa

CATÁLOGO | *CATALOGUE*

Concepção | *Concept*

Marina Bairrão Ruivo
Jorge Martins

Concepção gráfica | *Graphic Design*

Manuel Rosa

Traduções | *Translations*

José Gabriel Flores

Edição | *Copy-editing*

Sandra Santos

Fotografia | *Photography*

Pierre Guibert
José Manuel Costa Alves
Nuno Moreira Inácio

Depósito legal | *Legal Depot*: 000000/17

Pré-impressão, impressão e acabamento | *Pre-press,*

Printing and Binding

Gráfica Maiadouro SA
Rua Padre Luís Campos, 586 e 686 – Vermoim
4471-909 Maia
Portugal

© 2017 Fundação Carmona e Costa, Lisboa, e | *and*
Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva, Lisboa
© das fotografias e dos textos: os Autores | *of*
photographs and texts: the Authors

ISBN: 978-989-8834-66-9

Todos os direitos reservados. Esta obra não pode ser reproduzida, no todo ou em parte, por qualquer forma ou quaisquer meios electrónicos, mecânicos ou outros, incluindo fotocópia, gravação magnética ou qualquer processo de armazenamento ou sistema de recuperação de informação, sem prévia autorização escrita dos editores.

All rights reserved. No part of this publication may be printed or used in any form or by any means, including photocopying and recording, or any information or retrieval systems, without permission in writing of the publishers.

Fundação Arpad Szenes – Vieira da Silva

Praça das Amoreiras, 56/58

1250-020 Lisboa

Portugal

Tel: + 351 213 880 044 / 053

Fax: + 351 213 880 039

www.fasvs.pt

Fundação Carmona e Costa

Edifício Soeiro Pereira Gomes

(antigo edifício da Bolsa Nova de Lisboa)

Rua Soeiro Pereira Gomes, Lte 1 - 6.º D

1600-196 Lisboa

Portugal

Tel: + 351 21 780 30 03 / 4

www.fundacaocarmonaecosta.pt

DOCUMENTA

Sistema Solar, Cooperativa Editora e Livreira, Crl.

Rua Passos Manuel, 67 B

1150-258 Lisboa

Portugal

Tel: + 351 21 358 30 30

www.sistemasolar.pt

FUNDAÇÃO
Arpad
Szenes
Vieira
da
Silva
MUSEU


fundação carmona e costa
ESPAÇO ARTE CONTEMPORÂNEA

DOCUMENTA

